

---

Lima Barreto, como prova desse amor, gostava de ler sobretudo as estatísticas publicadas pela Biblioteca. E é lendo as estatísticas que ele acha ocasião para lançar as suas setas envenenadas:

"Hoje, diz a notícia que treze pessoas consultaram obras de ocultismo. Quem serão elas? Não acredito que seja o Múcio.\* O velho poeta é por demais sabido, para consultar obras de sua profissão. Quero crer que sejam tristes homens desempregados, que fossem procurar no invisível sinais certos de sua infelicidade, para liquidar a sua dolorosa vida.

Leio mais que houve quatro pessoas a consultar obras em holandês. Para mim, são doentes de manias (...).

~~A-olha~~ O *Guarani* foi procurado por duas pessoas. Será a dona Deolinda Daltro? Será algum abnegado funcionário da inspetoria dos caboclos? É de causar aborrecimento aos velhos patriotas que só duas pessoas procurassem ler obras na língua que, no entender deles, é a dos verdadeiros brasileiros. Decididamente este país está perdido...

Em grego, as obras consultadas foram unicamente duas, tal e qual como o *Guarani*; e certamente esses dois leitores não foram os nossos professores de grego, porque, desde muito, eles não lêem mais grego..." (Crônica publicada em *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 13-1-1915).

---

Vale a pena contar como foi montada a primeira tipografia da Biblioteca, sem que a Casa gastasse um só tostão, pois, mesmo que o quisesse, não tinha. Naquele tempo o Rio de Janeiro era iluminado a gás e só a Biblioteca tinha o privilégio da luz elétrica, gerada por uma máquina a vapor que puxava

---

\* Provavelmente Lima Barreto se refere ao poeta e teatrólogo Múcio S. Lopes Teixeira, que era também quiromante e astrólogo profissional. Publicou mais de 20 livros de poesia.

\*\* D. Deolinda era uma famosa professora de língua indígena, na época (N. do A.).